

PROJETO | MEMÓRIA EM AÇÃO: AS MINHAS MEMÓRIAS, A NOSSA HISTÓRIA



Foto: Museu de Lagos | Lídia Moreira

ENTREVISTA

VITÓRIA PACHECO ROSADO JANUÁRIO SIMÃO nasceu em Bensafrim, concelho de Lagos, em 1949.

Concluiu o Ensino Primário. Profissionalmente, foi empregada de balcão e cozinheira.

Em 25 de Abril de 1974, vivia e trabalhava em Bensafrim, onde recebeu a notícia.

DESCRIÇÃO

Código de Referência: PT/ML/AML/C/3/35/000040

Título: Entrevista a Vitória Pacheco Rosado Januário Simão

Data: 16/02/2024

Local: Instalações da União de Freguesias de Bensafrim e Barão de São João

Tipo: Entrevista áudio formato M4A

Duração de gravação: 00:37:56

Entrevistador: Museu de Lagos / Patrícia J. Palma

Registo fotográfico: Museu de Lagos / Lídia Moreira

Transcrição, revisão e edição: Museu de Lagos / Patrícia J. Palma

Texto revisto e validado pela entrevistada a 30/04/2024.



MUSEU
DE LAGOS

Patrícia de Jesus Palma (PJP): Senhora Vitória, muito obrigada pela sua disponibilidade em colaborar com o projeto Memória em Ação, aceitando conversar conosco sobre as suas memórias relativas ao 25 de Abril de 1974. Começo por lhe perguntar: a senhora estava em Bensafrim na altura do 25 de Abril?

VITÓRIA PACHECO ROSADO JANUÁRIO SIMÃO (VPRJS): Lembro-me, estava aqui na padaria. A minha profissão foi empregada de balcão numa padaria, em Lagos. Trabalhei 25 anos na Padaria Central. Mas, primeiro trabalhei aqui em Bensafrim, porque vinha pão para um depósito e vendíamos aqui, depois aqui fechou e fui para Lagos. Levei então 25 anos naquela padaria. Depois, aquilo fechou e, entretanto, andei por aí a cirandar, depois fui trabalhar para o Lar da 3.^a idade.

PJP: Tinha que idade?

VPRJS: Ora, tinha 24 aí nessa altura, 24 anos.

PJP: Tem lembrança desse dia?

VPRJS: Tenho, não saímos da televisão a ver os acontecimentos, as músicas...

PJP: Já havia aqui televisão nessa altura?

VPRJS: Sim, sim.

PJP: Em casa particular ou iam ver a algum sítio?

VPRJS: Uma senhora, mesmo em frente ao depósito onde eu estava, íamos lá ver.

PJP: Juntavam-se lá para ir ver as notícias?

VPRJS: Para ir ver as notícias, sim, sim. Na minha casa não havia televisão. E, então, víamos os acontecimentos das coisas...

PJP: E perceberam logo nesse dia o que aquilo era?

VPRJS: Percebemos que havia uma mudança. Uma mudança, claro. Mas, com a inexperiência dessas coisas também não sabíamos...

PJP: O que é que ia dar...

VPRJS: Pois, o que ia dar e o que seria. Seria para bom, seria para mau?... Só que, pronto, foi bom, que não houve assim grande mexida de discórdias, de coisas.

PJP: *Aqui, em Bensafrim, lembra-se desses dias até ao Primeiro de Maio? Houve aqui algumas manifestações, alguma coisa?*

VPRJS: Em Lagos, em Lagos, havia sempre manifestações.

PJP: *E daqui de Bensafrim iam para Lagos, ou aqui também houve alguma agitação?*

VPRJS: Sim, pois, aqui isto era um meio muito pequenino não. Mas, em Lagos, ouvia-se que havia agitação e depois começaram a ir os partidos a fazer aquelas...

PJP: *Os comícios, as sessões de esclarecimento?*

VPRJS: Sim, isso, íamos.

PJP: *Iam daqui para Lagos?*

VPRJS: Não, vinham aqui à escola.

PJP: *E lembra-se disso?*

VPRJS: Lembro-me, lembro-me. Vinham aqui à escola. Uma vez vinha um, outra vez vinha outro.

PJP: *Vinham fazer sessões de esclarecimento?*

VPRJS: Sessões de esclarecimento às pessoas.

PJP: *E a escola enchia?*

VPRJS: Sim, iam, mas não era aquele... Mas iam. Havia afluência.

PJP: E que assuntos traziam?

VPRJS: O que é que iam fazer, como agora! Que iam fazer melhor do que estava, claro. E as pessoas depois foram gerindo a ideia de qual é que seria...

PJP: *O melhor?*

VPRJS: Pois, qual é que seria melhor...

PJP: Portanto, vinham os partidos. Aqui não havia nenhuma sede de partidos?

VPRJS: Não, não, nem há.

PJP: *Era só em Lagos e vinham cá?*

VPRJS: Só em Lagos, deslocavam-se aqui e vinham fazer a sessão.

PJP: Depois, houve ali uma altura de campanha de alfabetização para quem não tinha ainda estudos nenhuns...

VPRJS: Sim, vinham, vinham à noite. Foi muita gente, foi.

PJP: Nessa altura, fizeram os estudos ou aprenderam a ler e a escrever?

VPRJS: Aprenderam, muita gente. Muita gente aprendeu a ler e a escrever.

PJP: E isso foi logo ali em 1975?

VPRJS: Pois, talvez mais um bocadinho.

PJP: Lembra-se das primeiras eleições? De ter participado?

VPRJS: Particpei em todas, tenho participado em todas, mas, das primeiras realmente não me lembro. Sei que foi aqui na Junta, as primeiras foram aqui na Junta.

PJP: O edifício da Junta tem sido sempre este?

VPRJS: Pois, sim. Havia um senhor que era da Junta, que era mesmo na casa dele. Eles tinham a papelada e essas coisas mesmo no escritorzinho que tinham, sim. Depois é que fizeram este edifício, após o 25 de Abril, onde hoje é a Junta de Freguesia.

PJP: Porque antes era na casa do presidente?

VPRJS: Do presidente, sim. Queríamos alguma coisa, íamos lá diretamente, um papel, qualquer coisa, e mesmo quando morria pessoas e tudo, ele é que tinha essa papelada toda na casa dele.

PJP: Na casa particular?

VPRJS: Sim, sim, na casa dele. Nunca houve uma casa onde se dissesse: é a Junta.

PJP: Depois, quando houve, foi aqui?

VPRJS: Foi inaugurada já depois de 25 Abril.

PJP: Nesse período do pós-25 de Abril, as pessoas começaram a comportar-se de uma maneira diferente?

VPRJS: Sim, parece que havia mais... Depois começaram a ganhar mais... Eu ganhava, naquele tempo, 420 escudos, por mês. Depois, comecei a ganhar, a seguir logo, 1600!

PJP: Foi uma grande subida.

VPRJS: Uma grande subida, 1600! E, depois, a seguir, a seguir 3.300. Foi subindo.

PJP: *Um grande aumento de condições de vida...*

VPRJS: Pois, pois, pois. Acho que foi bom, outras coisas não foi tão bom, mas pronto.

PJP: *Voltando atrás no tempo, à época da sua escola, da escola primária, como é que era Bensafrim nessa altura? Que recordações é que tem?*

VPRJS: Era assim mortinho, uma aldeia pequenina, íamos para a escola com a nossa batinha. Eu tinha uma, naquele tempo usava-se uma malita de madeira, imagine, de madeira.

PJP: *Que era a lancheira, ou era para os livros?*

VPRJS: Era para os livros.

PJP: A mochila da altura. Ainda tem essa malita?

VPRJS: Não, tenho muita pena de não ter...

PJP: Isso era muito interessante...

VPRJS: Tenho muita pena, muita... E a comida íamos comer numa cantina. Havia aqui uma senhora, que era a D.^a Correia Leal, Prof.^a Correia Leal, e dava casa para fazerem comida. Quem pagava não sei, mas íamos lá comer o almocinho.

PJP: *Era perto da escola?*

VPRJS: Não, a escola é para aqui e a cantina era na frente da minha casa, que é na estrada nacional, na estrada lá para cima, mas íamos comer lá e, depois, tínhamos uma coisa que eu não gostava nada, o óleo de fígado de bacalhau. Imagine, todos tinham de beber aquilo! E, então, era uma colher: toma tu, toma tu, toma tu, na mesma colher!

PJP: *Muito pouco higiénico...*

VPRJS: E era tudo saudável!

PJP: *Era do óleo de fígado de bacalhau.*

VPRJS: Mas tomávamos aquilo, os anos que lá estivemos, sim, sim.

PJP: *E a escola era mista, ou eram só meninas nessa altura?*

VPRJS: Era mista. Havia só duas salas, agora é que já há mais.

PJP: *E tinham meninas só aqui da povoação, ou vinham também meninas de fora?*

VPRJS: Vinham de fora, vinham dos montes, vinham a pé algumas, meninos e meninas vinham a pé de muito longe...

PJP: *Porque só havia esta escola aqui na freguesia?*

VPRJS: Só havia esta escola, pois.

PJP: *Depois fez o exame da 4.^a classe aqui na escola de Bensafrim?*

VPRJS: Fui a Lagos fazer.

PJP: *Lembra-se desse dia?*

VPRJS: Ai, esse dia foi um dia de festa! Vesti um vestido novo, a minha mãe foi-me mandar tirar uma fotografia no fotógrafo...

PJP: *Antes ou depois do exame?*

VPRJS: Depois do exame!

PJP: *A mãe é que lhe fez o vestido?*

VPRJS: Não, foi uma costureira. A minha mãe, nessa altura, já era um bocado doente, não podia e não sabia. Então, fizeram-me esse vestido para levar ao exame.

PJP: *Sabiam logo no dia se tinham ficado aprovados, ou não?*

VPRJS: Isso não me recordo, mas passei todos os anos. E houve amigas minhas que foram para a admissão, o exame de admissão, que, nessa altura...

PJP: *Para continuarem a estudar?*

VPRJS: Mas eu não tinha possibilidade e, então, fiquei-me pela 4.^a classe.

PJP: *Depois da 4.^a classe começou logo a trabalhar?*

VPRJS: Não, depois da 4.^a classe, a minha mãe era doente, eu tinha muito que fazer também...

PJP: *A ajudar em casa?*

VPRJS: A ajudar em casa. Mas, fui para a costura, havia uma senhora que metia lá raparigas, sem ganhar, claro.

PJP: *Aqui em Bensafrim? Lembra-se do nome dessa senhora?*

VPRJS: Sim, sim, essa senhora era Isaura, até foi minha cunhada. Havia a Isaura, havia uma Júlia, havia umas quantas. Eu fui para lá e, pronto, não aprendi... Porque, depois,

entretanto, aos 16 anos fui para a padaria. Não aprendi a fazer uma peça completa, porque não estive lá o tempo, mas aprendi a estreitar, a alargar, a encolher as bainhas, quase tudo. Não mando fazer nada dessas coisas. Aprendi o suficiente, porque há pessoas que mandam fazer bainhas de calças e saias, eu não.

PJP: *E vivia aqui mesmo na aldeia?*

VPRJS: Sim, sim, sempre vivi.

PJP: *Os seus pais também?*

VPRJS: Os meus pais também.

PJP: *E viviam da agricultura?*

VPRJS: A casa era da minha avó e depois o meu pai comprou aos meus tios e ficámos lá. Da agricultura, pois. A minha mãe adoeceu logo, ainda iam para a monda do arroz.

PJP: *Para onde?*

VPRJS: Eu estive com eles ainda 1 ano, fui para lá para a escola, na 3.^a classe, talvez. Chama-se Murta o nome da terra, mas iam para outras, iam para Miranda, iam para muitos sítios.

PJP: *Ia muita gente daqui?*

VPRJS: Ia muita gente! Era o ganhito deles. Naquele tempo era isso. Ia uma camioneta da carreira, que levava as pessoas até lá e depois em cima tinha um estrado, uma coisa com umas grades, levavam caixas de madeira com o avio para os meses que lá estavam, 1, 2 ou 3 meses. Levava o arroz, levavam a massa...

PJP: *Depois, lá, onde é que ficavam?*

VPRJS: Ficámos no quartel, num armazém muito grande, muito grande, com camas individuais, quase como se fosse tropa...

PJP: *Todos juntos?*

VPRJS: Tudo junto, no mesmo quartel, tudo junto. E a comida era feita numas panelas de barro, com o fogo no meio e as panelas de barro para cozer...

PJP: *Seguidas?*

VPRJS: Sim. E eu lá ir pôr, a minha mãe punha o feijão, ou assim, e eu lá ia pôr a massinha. Outras pessoas deixavam para a... não sei se era copeira que lhe davam o nome... Estava uma senhora encarregue disso para pôr a mistura...

PJP: *Que ficava durante o dia?*

VPRJS: Ficava de manhã para o almoço.

PJP: *Enquanto as pessoas iam para a monda?*

VPRJS: Sim, depois vinham, iam buscar as panelinhas.

PJP: *E levavam também as panelas de casa?*

VPRJS: Isso não sei, mas talvez levassem...

PJP: *Cada um tinha a sua?*

VPRJS: Cada um tinha a sua... E, então, o fogo era assim: o fogo no meio, as panelinhas à volta e coziam a comida assim, não havia fogões... Não sei se haveria algum a petróleo, ou assim, lá para desenrascar qualquer coisa lá dentro do armazém, não sei. Mas sei que a comida era feita assim.

PJP: *Iam, levavam as crianças e as crianças iam à escola enquanto lá estavam?*

VPRJS: Iam à escola longe. Íamos umas quantas dali, as crianças não podiam trabalhar. Íamos à escola dali de Murta era para Monte Novo do Sul. Íamos lá à escola, comíamos lá e, depois, cada um ia lavar o seu pratinho ao canal, que era logo ali perto, lavámos o pratinho. E foi engraçado, foi só um ano, nunca mais fui para lá. Quando a minha mãe foi o primeiro ano, fiquei com uma senhora cá em Lagos.

PJP: *E isso ainda era quantos meses?*

VPRJS: Era uns dois meses ou três, passei lá o exame do... ou do 2.º para o 3.º, ou do 3.º para o 4.º, sei que passei lá. Íamos brincando por aquele caminho... Havia umas grandes alturas de palha!... Ora, miúdos! Íamos brincar para lá.

PJP: *Subiam?*

VPRJS: Subiam, subiam a palha. Uma, uma vez perdeu um sapato. E, agora? Para achar o sapato?! Ah!... Coisas engraçadas, é verdade! Foi muito bom. Foi, foi muito bom!

PJP: *E aqui em Bensafrim, como eram as brincadeiras com as outras meninas?*

VPRJS: As brincadeiras era jogar ao paninho queimado, jogávamos àquelas pedrinhas, chamavam-lhe... Ai, não me lembro o nome daquilo... Eram 5 pedrinhas, jogávamos as pedrinhas (já não sei jogar, também), depois, púnhamos as pedrinhas assim e depois íamos jogando as pedrinhas para entrar por aqui... Era um jogo engraçado. E à macaca, naquele tempo já também usávamos a macaca... E pronto. Era assim, havia, depois pelo São João, já maiorzinhas, organizávamos o mastrozinho.

PJP: *Para a festa? E na ribeira não havia?...*

VPRJS: Ah, na ribeira, eu ia lavar à ribeira.

PJP: *Cada uma tinha um lugar para lavar?*

VPRJS: Uma pedrinha, tínhamos uma pedra assim grandinha e lavávamos na ribeira. Corava a roupinha, ficava muito bonita.

PJP: *Lavava só para a sua casa? Não lavava para fora?*

VPRJS: Não, havia senhoras que lavavam.

PJP: *Para fora?*

VPRJS: E traziam a roupa de Lagos em sacos da senhora tal, tal. Depois iam levar ao fim-de-semana.

PJP: *E lavavam na ribeira?*

VPRJS: Sim, havia aqui duas ou três pessoas. E no chafariz, quando não havia ribeira. Havia muita senhora que trazia a roupa das senhoras para lavar.

PJP: *Então, depois, quando se dá esta mudança toda, da ditadura para a democracia, lembra-se aqui das pessoas de Bensafrim, quais eram as suas principais reivindicações que tinham aqui para a aldeia? O que é que fazia mais falta? Já havia luz nessa altura?*

VPRJS: Eu não tinha.

PJP: *Era o candeeiro a petróleo?*

VPRJS: Era e houve pessoas que só algumas que lá tinham mais posses é que lá tinham. Água também não tinha nessa altura. E, depois, aquilo foi andando, começámos a – havia só o poço, o poço na aldeia, que agora está fechado, não sei porquê. O poço, uma água que era tão boa e deixaram aquilo ir abaixo: “– Isto não tem água, não presta”, não sei porquê! Mas, se o limpassem, com tanta falta de água que há! Não sei porque é que está assim... E, então, antes do 25 de Abril, mesmo depois do 25 de Abril, íamos tirar água do

poço, tinha os alcatruzes, tínhamos o balde e os alcatruzes deitavam água para o balde e, quando aquele eixo avariava, íamos tirar com cordas. Tirávamos o baldinho com a corda, sim senhor.

PJP: *E era essa água que usavam em casa?*

VPRJS: Usávamos para lavar, para tudo! Só a roupa é que era na ribeira, o resto era para tudo, para animais, tudo isso. Foi uma grande fonte e deve ser, só que...

PJP: *Depois começa a haver canalizada?*

VPRJS: Depois disso, começou a haver a canalização da água, as ruas tudo esburacado para...

PJP: *Lembra-se de ver as ruas ainda todas esburacadas?*

VPRJS: Quando foi o sismo...

PJP: Em 1969?

VPRJS: Em 1969, se calhar, eu acho que já estavam as ruas esburacadas nessa altura. Havia em algumas casas, outras não.

PJP: *É a partir daí que começa a...*

VPRJS: A evoluir, sim, sim.

PJP: *E tem essa imagem das ruas esburacas, de andar tudo em obras?*

VPRJS: Tudo em obras, as canalizações.

PJP: *E a construção do Bairro Verde?*

VPRJS: Da Zona Verde.

PJP: *Também é dessa altura?*

VPRJS: Esse foi já depois, porque depois do sismo houve um bairro de casas de madeira.

PJP: *Para as pessoas que ficaram sem casa?*

VPRJS: Lá mais para atrás desse da Zona Verde.

PJP: *E lembra-se do sismo?*

VPRJS: Ah, então, não me lembro! Se me lembro! Um susto enorme!

PJP: *Estava em casa?*

VPRJS: Estava deitada, foi às 2h30, 3h. Estava deitada, levantámo-nos, mas, como estava a dormir não senti o abalo muito grande, mas, depois viemos à rua é que vimos que... A minha casa, por acaso, não teve...

PJP: *Não teve grande dano?*

VPRJS: Sim, ainda ficámos lá, ficámos sempre, depois disso, ficámos lá sempre.

PJP: *Mas houve várias casas derrubadas?*

VPRJS: Sim, sim...

PJP: *E houve gente ferida?*

VPRJS: Sim, mas pouco, três ou quatro pessoas. Não morreu ninguém... As casas é que fiaram muito danificadas, muito... E, depois, claro, começou a reconstrução.

PJP: *E, entretanto, houve a construção de um bairro?*

VPRJS: Sim, houve um bairro com as casas de madeira do outro lado da ribeira, na Zona Verde e, nesse bairro, com as casas de madeira foram para lá as pessoas que ficaram mesmo sem casa nenhuma. E, depois, esteve muito tempo. Depois fizeram, para essas pessoas das casas de madeira, fizeram um bairro dentro da povoação, que é aqui perto¹. O da Zona Verde não foi para as pessoas...

PJP: *Do sismo?*

VPRJS: Não, não. Estes que fizeram aqui é que foi para realojar essas pessoas, que já estavam muito degradadas as barracas.

PJP: *Depois, então, é que foi esse da Zona Verde, que foi já no pós-25 de Abril?*

VPRJS: Esse já foi pós, pós-25 de Abril. Depois começou a Zona Verde, começou a Sociedade e a seguir veio o Infantário e a seguir veio o Lar dos Idosos, aquela zona está ali bonita!

PJP: *E telefone, quando é que, onde é que havia telefone?*

VPRJS: O telefone era na Junta. Não, era numa mercearia, aqui ao lado da estrada, uma mercearia e vínhamos telefonar ali quando era preciso.

PJP: *Era um telefone público ou tinham de pagar?*

¹ Bairro de habitação económica de promoção pública estatal, localizado na rua João de Deus.

VPRJS: Tínhamos de pagar, sim, sim. Não era colocar moedas, era o que usávamos, pagávamos. Depois começou a haver pessoas a porem em casa...

PJP: *E, de resto, era por carta?*

VPRJS: Ah, sim, era por carta!

PJP: *Ainda escreveu muitas?*

VPRJS: Sim, escrevi para o meu marido.

PJP: *Era daqui?*

VPRJS: Era daqui, nascido e criado. Aqui, trabalhava, em Lagos, na cortiça. E, depois, foi para a polícia, para Lisboa, para a instrução. E lá começámos a escrever. Depois, foi para Cabo Verde, também ainda escrevi.

PJP: *Para Cabo Verde?*

VPRJS: Sim.

PJP: *Esteve lá quanto tempo?*

VPRJS: Esteve um ano e tal...

PJP: *Veio por altura do 25 de Abril?*

VPRJS: Veio a seguir, logo em junho, talvez, por aí. Depois, veio então para Lagos e casámos.

PJP: *Então o 25 de Abril foi bom!*

VPRJS: Foi bom! Se não, ia ficando por lá, com certeza, e eu tinha que ir para lá.

PJP: *Entre essa altura e a atualidade, que mudanças é que vê aqui mesmo em Bensafrim? Acha que as coisas mudaram muito ou nem por isso?*

VPRJS: Sim, mudaram a nível material e também das pessoas começarem a ter mais poder de compra, como ganhavam mais, arranjavam melhor as casas, depois começou a haver também mais empregos. E aqui era só a agricultura, agricultura, antes disso não havia mais nada.

PJP: *E o resto iam a Lagos? E aqui serviço de saúde, médico, enfermeira, havia aqui nessa altura?*

VPRJS: Médico tínhamos. Vinha cá um senhor que era o Dr. Paz Pereira, vinha ali a uma casa, que arranjavam para isso e vinha o Dr. umas quantas vezes.

PJP: *Por semana?*

VPRJS: Por mês, não me recordo já os dias. E havia um senhor que era enfermeiro, era curioso, acho que ele esteve na tropa e aprendeu.

PJP: *E dava assistência?*

VPRJS: Pois, dava assistência. E, então, era ele que dava umas injeções e fazia uns pensos nessa tal casa. Era o que tínhamos. E, depois, quando era pior, era hospital. E médicos em Lagos também havia, também íamos daqui, quem tinha possibilidade, porque não havia centro de saúde, Serviço Nacional de Saúde, tínhamos que ir lá e pagar. E quando precisava, hospital. Hospital houve sempre.

PJP: *E o transporte de Bensafrim para Lagos, iam como?*

VPRJS: Transporte, eu sempre conheci a carreira, mas eu ia muita vez com o meu pai. Tinha uma carroça, um cavalinho, ia muita vez no carro com ele para Lagos.

PJP: *Iam na carroça?*

VPRJS: Íamos na carroça.

PJP: *Porque era um meio de transporte ainda muito comum na altura?*

VPRJS: Sim, essas pessoas que lavavam a roupa, ia tudo levar no carrinho das bestas. O meu pai fazia carvão lá na serra e ia vender a Lagos nessa tal carroça também.

PJP: *Quando diz, lá na serra, era onde?*

VPRJS: Longe, longe. Eles levavam farnel, estavam lá um dia, ou dois ou três a fazer o carvão e depois é que vinham. Foi uma vida muito arrastada.

PJP: *O carvão era uma das principais atividades?*

VPRJS: Era, era, o carvão. E a cortiça. Tiravam cortiça às pessoas, nas árvores. E a ceifa. Havia trigo, ceifavam. Também havia esses trabalhos assim pesados, muita gente também ia e de sol a sol, não havia horário.

PJP: *E eram só os homens ou as mulheres também participavam?*

VPRJS: As mulheres também iam, oh, sim! Também iam mulheres.

PJP: *Era o que havia...*

VPRJS: Era o que havia, era o que havia e desejando! Já com a monda do arroz era assim. E havia quem não apanhasse lugar para ir, porque era muita gente para ir.

PJP: *Iam todos os anos para a monda?*

VPRJS: Todos os anos.

PJP: *Sempre que pudessem?*

VPRJS: Desejando de vir aquela altura, porque depois traziam uns forritos para pagar até alguma despesa que fizeram antes de...

PJP: *Para poder ir?*

VPRJS: De comidas e de roupas, porque aviavam-se assim. Levavam a comida para esse tempo todo.

PJP: *Levavam a comida para esse dois ou três meses que lá passavam?*

VPRJS: Sim, sim, levavam.

PJP: *Portanto, era um grande investimento que a pessoa ou a família tinha de fazer.*

VPRJS: Que tinham que fazer. Não sei, eu não me lembro já, mas eu não me recordo de ver lá nenhuma mercearia. Se havia, era longe, e se faltava alguma coisa, iriam buscar longe... Mas, a maioria levava tudo de cá.

PJP: *Era mesmo um grande esforço.*

VPRJS: Levavam aquelas caixas de madeira, com as coisas e as roupas e aquilo tudo e cada um tinha, à beira da sua cama, a caixa.

PJP: *Já não tem nenhuma dessas caixas?*

VPRJS: Tenho, tenho.

PJP: *Que era dos seus pais?*

VPRJS: Que era dos meus pais. Tenho duas ou três.

PJP: *Que usavam para isso. Onde levavam a comida, a roupa, ia tudo nessa caixa?*

VPRJS: Ia tudo lá dentro, pois, pois.

PJP: *Foram tempos difíceis?*

VPRJS: Foi, foi, para as pessoas mais velhas, sofreram muito. O meu pai, Jesus!

PJP: *E para Lagos, não havia empregos? Eram as conserveiras?*

VPRJS: Eram as conserveiras, só... A fábrica da cortiça e pouco mais. Do peixe, mas muita gente ia de bicicleta a pedal. As mulheres de bicicleta a pedal, outras até iam a pé.

PJP: *Daqui, iam todos os dias?*

VPRJS: Para a conserveira só iam quando tocava a sereia em Lagos a avisar. Ouvíamos aqui. Pois, era o que havia, a conserveira e a corticeira, mais nada. E essa tal roupa que lá iam buscar, algumas pessoas.

PJP: *Há assim alguma história, alguma coisa aqui de Bensafrim, que se lembre e que gostasse de partilhar connosco?*

VPRJS: História, pois, olhe, uma coisa engraçada que havia. Havia o pregoeiro. Não era praça, era na rua que vendiam peixe e outras coisas ali num cantinho na rua e havia um senhor que apregoava: “– Quem quiser comprar tal, tal, vá à praça”.

PJP: *Andava aqui pela aldeia?*

VPRJS: Andava pela aldeia a cantar, a apregoar.

PJP: *E era só para o peixe ou era também para outras coisas? Notícias?*

VPRJS: Era para outras coisas que viesse. Não, notícias, não.

PJP: *Era para os produtos. E ele era aqui da terra?*

VPRJS: Era aqui da terra, era.

PJP: *E quando houvesse coisas novas à venda, ia dar conta?*

VPRJS: Ia, sim, sim.

PJP: *E ia a pé ou ia numa bicicleta?*

VPRJS: Ia aí pelas ruas apregoar para as pessoas saberem que estava lá ou peixeiro, ou outros bens. De resto, pois não tenho assim... As histórias já passaram há muitos anos.

PJP: *Senhora Vitória, muito obrigada pelo seu testemunho.*

VPRJS: De nada, nada.

REFERÊNCIA PARA CITAÇÃO: MUSEU DE LAGOS / PALMA, Patrícia de Jesus – *Entrevista a Vitória Pacheco Rosado Januário Simão*. 2024-02-16. 14 p. Acessível, com a ref.^a PT/ML/AML/C/3/35/000040 em <https://abrir.link/gEPLV>.